

## Índice

Cultura do apagamento: um uso inadequado da história .....	1
--	---

### Cultura do apagamento: um uso inadequado da história

O derrube ou a profanação de monumentos é a manifestação mais notória de um movimento que se alarga pelo Ocidente com a pretensão de purificar ou retificar a memória histórica. Mas costuma ser feito mediante julgamentos sumários que não captam a complexidade do passado. O filósofo francês [Rémi Brague](#) (“Aceprensa”, 30.8.2017), que é professor emérito da Sorbonne, analisou este fenómeno numa conferência efetuada em Milão, com o título “‘Cancel culture’ o cancellazione della cultura?” (O ato desenrolou-se em 21 de setembro de 2021, organizado pela Associazione Esserci, em colaboração com o diário “Tempi” e o centro cultural artístico Rosetum. A gravação encontra-se disponível [no YouTube](#), <https://youtu.be/lrfupXjliY>. O “Tempi” de 24.9.2021 publicou uma [transcrição](#)). Resumimos essa intervenção.

“Desde há alguns meses”, começou por dizer Brague, “estamos a assistir ao aumento de um fenómeno que se difunde por todos os países ocidentais. São derrubadas estátuas, ruas e edifícios perdem os seus velhos nomes e recebem outros novos”.

A princípio, tratava-se de “apagar” a recordação de personagens históricos que, segundo é revelado agora, tiveram um papel negativo, sobretudo nos antigos impérios coloniais: Jean-Baptiste Colbert em França, Cecil Rhodes na Grã-Bretanha, o rei Leopoldo II da Bélgica... Mas “seguidamente, o movimento generalizou-se, com o objetivo de reescrever a história do mundo”. É, afirma Brague, “um uso inadequado da história”, por três motivos.

Primeiro, “a complexidade das figuras históricas é reduzida a um aspeto, esquecendo os restantes”. Segundo, “e pior ainda,

as suas ações são julgadas de acordo com os nossos critérios, anacronicamente”. Terceiro, “prescinde-se do contexto histórico que permite compreendê-las”.

Um exemplo de complexidade é o caso de Napoleão Bonaparte que, em 2021, foi objeto de debate em França a propósito do bicentenário da sua morte. Ele opunha-se à escravatura abolida pela Revolução Francesa; no entanto, em 1802, restabeleceu-a nas colónias francesas, porque os ingleses continuavam a mantê-la nas deles, e pensou que suprimi-la só daria vantagens ao domínio britânico. Mas Napoleão aboliu-a depois do seu regresso da ilha de Elba.

O próprio Frei Bartolomeu de Las Casas, unanimemente recordado como defensor dos ameríndios americanos, não fica isento de reparos. Para que os ameríndios não fossem ter de trabalhar nas minas ou nas plantações, propôs que em seu lugar fossem levados para a América negros africanos, embora rapidamente se tenha arrependido da sua ideia.

#### Não apenas o Ocidente

Por outro lado, salienta Brague, o projeto de purificar a história “não deveria limitar-se ao mundo ocidental”. Caso contrário, seria “uma espécie de provincianismo extremo, até um caso da mesma visão eurocêntrica que se procura criticar”. Assim, “qualquer cultura deveria expurgar os elementos negativos do seu passado”. O atual país africano Mali foi, entre os séculos XIII e XVI, um império cuja prosperidade se baseava no ouro e também na captura e venda de escravos.

Lamentavelmente, o passado é uma sucessão de lutas e guerras. Por isso, “um personagem que a cultura A considera

herói, pode ser encarado pela cultura B como super vilão”. Tal é o caso de Timur, chamado Tamerlão, fundador de um imenso império no século XIV, e responsável por matanças inauditas: as suas vítimas contam-se por milhões. É famoso por formar grandes pilhas de cabeças cortadas às portas das cidades conquistadas e por emparedar vivos os seus prisioneiros. No entanto, o seu país natal, Uzbequistão, está cheio de estátuas de Timur, como a de sete metros de altura erguida na capital, Taskent. Derrubá-las, refere Brague, teria muitos custos... “e iria enfrentar a oposição dos uzbeques, para quem Timur foi um grande herói”.

“Apenas culturas irreais, sonhadas, podem ser totalmente inocentes”. Todavia, abundam as “utopias retrospectivas”. Uma é, por exemplo, “o sonho de um mundo pagão feliz, tolerante, otimista e, nomeadamente, livre de inibições sexuais”, imaginado por autores alemães do classicismo, e depois desmentido por Ernst von Lasaulx. Outra é “o paraíso da convivência pacífica das comunidades religiosas na Andaluzia medieval sob domínio islâmico”, também refutada por historiadores como Darío Fernández-Morera.

## Reescrever o passado

O atual movimento que quer reescrever o passado foi precedido por uma longa incubação antes das manifestações com ataques a monumentos. Tudo começou há alguns anos, quando se procuravam figuras históricas indiscutíveis para dar nome a novos centros universitários. Começou-se a examinar as biografias dos personagens, para afastar os que tivessem tido condutas ou opiniões inconvenientes. Mais tarde, mudaram os nomes de instituições já existentes. E foram revistos os programas de leituras obrigatórias, de forma a poder incluir pessoas que não fossem brancas nem masculinas. Daí, passou-se a eliminar autores que não pertencessem aos grupos historicamente desfavorecidos devido a género, raça, orientação sexual, etc.

“Por último, um jovem professor de estudos clássicos em Princeton, Dan-el Padilla Peralta (n. 1984), ele próprio um caso de manual de ascensão social através do ensino, fez um apelo contra o estudo dos autores gregos e latinos, porque isso favorece o racismo”. O motivo é ser usado em apoio ao supremacismo branco e, sobretudo – resume Brague –, que “o mundo antigo contava, em parte, com o trabalho dos escravos como infraestrutura que permitiu o surgimento da sua cultura”.

Brague não rejeita categoricamente a objeção de Padilla, e salienta que a fé cristã trouxe uma “revolução do pensamento” que minou a legitimação da escravatura. A reação indignada de São Gregório de Nisa perante o caso do rei Salomão, que se gabava de possuir numerosos escravos, é impensável num contexto pagão. O jurista medieval alemão Eike von Repgow atribuía a instituição da escravatura ao pecado. E Brague comenta: “Se se me permite aludir à banal oposição dos dois

pontos de referência da cultura ocidental, Jerusalém fez mais justiça do que Atenas à igualdade fundamental de todos os seres humanos”.

## Contra os clássicos

Assim, há algo de verdadeiro na tese de Padilla, diz Brague, que como cristão a reconhece. Ora, sem prejuízo da crítica às sociedades antigas, “a cultura clássica não deve ser vista na totalidade como mero espelho das condições sociais nas quais podia florescer”. Os que se opõem ao estudo das línguas clássicas – observa Brague – são quase sempre de esquerda, e alegam que “o latim e o grego seriam o selo das classes cultas, ou seja, dos que podem permitir-se aprender pelo simples amor da cultura, diversamente das classes trabalhadoras”.

Mas isso abarca apenas um aspeto da verdade, que é mais complexa, precisa Rémi Brague. De facto, alguns pensadores radicais tiveram uma formação clássica, o que não os impediu de serem revolucionários, cada um a seu modo: Karl Marx, Sigmund Freud, Charles Darwin... ou Friedrich Nietzsche, talvez o mais radical de todos, que era professor de filologia clássica.

Poder-se-ia objetar que aqueles revolucionários o foram apesar da sua formação clássica. No entanto, outros viam nesta uma semente de contestação. Para Thomas Hobbes, tradutor de Tucídides, a leitura dos clássicos gregos e romanos inspirava muitos a desejarem revoltar-se contra a monarquia absoluta que ele defendia. Mais tarde, Alexis de Tocqueville e Hippolyte Taine atribuíram os excessos dos revolucionários franceses a terem-se alimentado de abstrações típicas da sua educação clássica.

## Destruir é o mais fácil

A *cancel culture* parece “um fenómeno contemporâneo, mais próprio do jornalismo que da filosofia”; mas também pode ser encarada como “a última – por agora – etapa de um longo processo, que começou nas vésperas dos tempos modernos”. A ideia de um novo começo a partir de uma *tábua rasa* surge no século XVII, com René Descartes. E o Iluminismo converte o *preconceito* em lema para superar tudo o que é tradicional, especialmente a religião organizada, e mais concretamente o cristianismo. A sua versão política foi a Revolução Francesa, com o seu novo calendário e a substituição da semana, que culminava no domingo, pela década.

“Em geral, é sempre mais fácil destruir do que construir a partir de zero”. São necessários nove meses para a gestação de um novo ser humano, e muitos anos para prepará-lo de maneira que possa ter uma vida independente e contribuir para o bem da sociedade. Pelo contrário, “aquilo que se criou e conservou de modo tão lento e cuidadoso pode ser destruído em pouco tempo”. Isto deveria ensinar a se ter uma certa prudência. “Quando tocamos no que construíram gerações anteriores, deveria tremer-nos a mão. Só Estaline disse que não tremeria a sua ao ordenar purgas e mandar pessoas para o pelotão de fuzilamento”.

Por seu turno, o austríaco Joseph A. Schumpeter (falecido em 1950) introduziu na linguagem econômica o conceito de “destruição criativa”, como traço essencial do capitalismo. É uma ideia que ganhou apoio. Brague relativiza: “No âmbito puramente econômico, a destruição é a prioridade, na medida em que obriga os homens a inovar. Mas é duvidosa a sua validade noutros âmbitos da atividade humana. Em geral, os artistas, por exemplo, sentem e apreciam a continuidade com a tradição. Os grandes romancistas foram primeiro grandes leitores, os grandes músicos começaram por cantar num coro, e os grandes pintores iniciaram-se copiando obras-primas”.

### A nova ordem bolchevique

Mas destruir o anterior é uma prática antiga, bem documentada na Bíblia, onde abundam os incentivos para destinar ao anátema os ídolos cananeus. “O cristianismo destruiu monumentos pagãos ou reutilizou-os como igrejas. (...) Maomé, ao entrar em Meca, derrubou as imagens e estátuas da Kaaba. Mais recentemente, em 2001, os talibãs afegãos destruíram os três Budas gigantes de Bamiã; e o Estado Islâmico saqueou os museus de Mossul”.

A experiência de arrasar com tudo o que é anterior para fazer emergir o novo foi levada ao extremo com a revolução bolchevique de outubro de 1917. “Lenine pensava que uma nova ordem surgiria espontaneamente das cinzas do velho. Mas não foi assim. Pelo contrário, desmoronou-se tudo”. A fome matou milhões de pessoas, e intervieram para aliviá-la sociedades de beneficência estrangeiras. Mas não era aquilo o que ditava o marxismo na sua versão leninista.

“Como a ideologia não se pode enganar, Lenine deitou a culpa para os restos anacrônicos da ordem anterior e decidiu eliminá-los. Dessa forma, conseguiu destruir o tecido da sociedade russa. Destruiu, concretamente, muitas vidas. Mas, onde estava o ‘socialismo’? Havia que construí-lo. Contudo, depois de 70 anos de ‘socialismo real’, e inclusivamente de ‘desenvolvimento impetuoso das forças produtivas’, verifica-se que nunca existiu”.

### Criação destrutiva

“A verdadeira criação nunca rompe o vínculo com o passado. Numa passagem muito interessante dos seus “Discursos”, Maquiavel observa que o cristianismo não conseguiu sufocar totalmente a recordação do paganismo, porque teve de manter o latim, a língua do Estado romano perseguidor dos crentes, para propagar a nova fé”.

Pelo contrário, “o islamismo trouxe uma nova língua, o árabe, juntamente com um novo domínio e, em parte, um novo sistema jurídico”. Por que razão a cultura islâmica não procurou conservar os vestígios das culturas com as quais contactou? Não apenas por atos de vandalismo como os mencionados atrás. “Os manuscritos gregos eram traduzidos, mas não se conservavam, uma vez que o seu conteúdo era vertido para (...) a língua em que Deus havia transmitido a sua revelação a Maomé (...). Por isso, o árabe gozava de uma dignidade que ia mais além à de qualquer outra língua”.

Existe uma grande diferença entre essas destruições parciais e a utopia comunista, refere Brague. “Num caso, o novo esmagou o velho. Certamente, é possível fazer um juízo positivo ou negativo sobre o que o novo trouxe: um juízo de valor e, no final, talvez seja apenas uma questão de gosto. (...) No outro caso, esmaga-se o antigo sem que haja qualquer princípio novo. O novo não chegou ainda, e ninguém sabe se chegará algum dia”.

É o contrário de Schumpeter: uma *criação destrutiva*. “Aquilo que desencadeia tais movimentos é o ressentimento e, inclusivamente, o ódio. A ‘incitação ao ódio’ não se encontra somente onde se costuma procurá-la”.

### Perdoar ou condenar

“O que está em jogo não é só um problema da cultura ocidental. Mais genericamente, trata-se da nossa relação com o passado. Que tipo de atitude devemos ter para com o que provém do passado: os nossos pais em primeiro lugar, e a seguir o nosso país, a nossa língua, etc. (...) ? Temos de escolher entre perdoar e condenar.

“Condenar é uma posição satânica. O satanismo pode ser relativamente suave e, portanto, mais eficaz. Segundo Satanás, tudo aquilo que existe é culpado e deve desaparecer. Essas são as palavras que Goethe põe na boca do seu Mefistófeles (*Alles was entsteht, / Ist wert, daß es zugrunde geht*).

“Perdoar não é fácil. Como aprovar o que nos precedeu? O passado está cheio de boas ações, mas também manchado por

muitas coisas horríveis que se recordam mais facilmente. Os traumas permanecem na memória, enquanto damos por adquirido com demasiada facilidade o agradável, como se não fosse um presente, mas algo merecido. De qualquer forma, a nossa cultura atual está presa numa espécie de perversão do sacramento da penitência: confissões temos em abundância, e queremos que os outros se confessem e se arrependam. Mas não existe absolvição, nem perdão, nem, portanto, esperança de uma nova vida, nem vontade de a ter. A chave é recuperar a nossa capacidade de perdoar”.